

As narrativas Wassu-Cocal: a identidade de uma etnia na contramão dos sentidos da BR-101

ARTIGO

Lavoisier Almeida dos Santosⁱ 

Universidade Estadual de Alagoas, Palmeira dos Índios, AL, Brasil

Elizabete Gercina da Silva Martinsⁱⁱ 

Universidade Estadual de Alagoas, Palmeira dos Índios, AL, Brasil

Valci Meloⁱⁱⁱ 

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil

Resumo

Esta pesquisa investiga o papel das narrativas orais na manutenção da identidade cultural da etnia indígena alagoana Wassu-Cocal. Por meio da Análise do Discurso pecheutiana, o estudo examina três narrativas tradicionais e discute como elas expressam valores simbólicos e históricos que confrontam a visão dominante que associa a identidade Wassu-Cocal aos acidentes e incidentes da BR-101, rodovia que corta seu território. Ao longo do estudo, busca-se compreender como as histórias contadas pelos anciãos são fundamentais para a transmissão de saberes e a resistência cultural desse povo, constituindo-se em riqueza material e simbólica de seu território sagrado. Por fim, conclui-se que a integração dessas narrativas ao currículo escolar indígena pode ser uma importante estratégia de letramento cultural voltado à afirmação da identidade dessa etnia e a consequente resistência ao processo contínuo de colonização que atinge ainda hoje os povos indígenas do Brasil.

Palavras-chave: Wassu-Cocal. Narrativas Oraís. Identidade Cultural. Ensino de Língua Portuguesa.

The Wassu-Cocal narratives: the identity of an ethnic group that goes against the meanings of BR-101

Abstract

This research investigates the role of oral narratives in the maintenance of the cultural identity of Wassu-Cocal indigenous ethnicity from Alagoas. Through Pecheutian Discourse Analysis, the study examines three traditional narratives and discusses how they express symbolic and historical values that challenge the dominant view associating Wassu-Cocal identity with the accidents and incidents of the BR-101, the highway that crosses its territory. Throughout the study, we seek to understand how the stories told by the elders are fundamental for the transmission of knowledge and the cultural resistance of these people, constituting both material and symbolic wealth of their sacred territory. Finally, it is concluded that the integration of these narratives into the indigenous school curriculum can be an important cultural literacy strategy aimed at affirming the identity of this ethnic group and the consequent resistance to the ongoing process of colonization that still affects the indigenous peoples of Brazil today.

Keywords: Wassu-Cocal. Oral Narratives. Cultural Identity. Portuguese Language Teaching.

1 Introdução

2

A etnia Wassu-Cocal, estabelecida na zona da mata de Alagoas, é um povo indígena cuja identidade e território estão profundamente ligados a narrativas ancestrais que transitam entre o sagrado e o cotidiano. Sendo assim, este trabalho propõe-se a explorar como as histórias contadas pelos anciãos — frequentemente associadas a locais sagrados deste território e a acontecimentos marcantes nele ocorridos — são fundamentais para a manutenção da cultura e da identidade Wassu. O povo, que habita uma terra fértil, banhada pelo rio Camaragibe, repleta de espaços considerados sagrados como serras, cachoeiras, lajedos e atravessada/intercortada pela BR-101, convive com uma realidade marcada pela presença dessa rodovia federal que, ao mesmo tempo que conecta diferentes regiões do Brasil, impõe desafios à manutenção de sua identidade territorial, cultural e étnica.

Em meio a esses embates, as narrativas de cunho mítico e histórico desempenham um papel crucial na construção/manutenção da memória coletiva, na transmissão de saberes e na reafirmação da identidade indígena Wassu-Cocal. Ao longo do trabalho, com foco em suas dimensões simbólicas, espirituais e materiais, serão analisadas três narrativas significativas da cultura desse povo, buscando entender como os indígenas Wassu se relacionam com essas dimensões e qual a importância dessas narrativas para essa etnia. Para a realização de tal investida teórico-analítica, trabalharemos, filiados à Michel Pêcheux (2014), com a análise do discurso (AD) francesa que, segundo Orlandi (2007, p. 26), “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. É interessante destacar que “[...] na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (Orlandi, 2007, p. 25).

A partir da inscrição histórica das narrativas desse povo, buscaremos analisar, aqui, em que medida essas narrativas funcionam como um mecanismo de resistência cultural frente aos desafios impostos pelo processo sócio-histórico da colonização ainda em curso em pleno século XXI e face aos impactos sociais, ambientais, econômicos e culturais advindos pela passagem da BR-101 no referido território. Outro objetivo desta pesquisa é compreender os efeitos de sentidos que essas histórias produzem no tocante à identidade do povo Wassu-Cocal em relação ao seu território.

É importante destacar que muitas das narrativas que circulam entre esses indígenas fazem referência aos lugares sagrados da terra indígena Wassu-Cocal e não existe nenhuma narrativa que faça alguma alusão à BR-101. Discutiremos sobre essa questão no decorrer do texto, mas já adiantamos ao leitor que esse dado contesta o discurso dominante que associa a identidade da etnia em discussão exclusivamente aos acidentes e incidentes ocorridos no trecho da BR-101 que corta seu território, fomentando e sedimentando, no imaginário coletivo do povo alagoano, a percepção da identidade desse povo a viradas de carretas e a saques ocorridos no cocal.

Sendo assim, essas narrativas, ao mesmo tempo em que ajudam a comunidade indígena a se adaptar às transformações sociais, políticas e ambientais que o povo enfrenta a cada dia, desempenham também um papel crucial na manutenção das tradições, valores e práticas que fundamentam a visão de mundo e identidade dos Wassu-Cocais. Outra questão tratada por esta pesquisa é a importância de integrar tais narrativas no currículo escolar indígena como uma estratégia para conciliar a oralidade e a escrita e promover o letramento cultural, conectando as novas gerações com suas raízes ancestrais e fortalecendo a identidade indígena Wassu e a resistência cultural desse povo.

Nesse sentido, buscamos problematizar como, no contexto da educação escolar indígena Wassu-Cocal, essas narrativas são importantes para contribuir com uma demanda antiga/atual, urgente/necessária no Brasil que é, conforme posto por Santos (2024, p. 14) “[...] o fomento de um ensino de língua portuguesa [que] tenha por base questões antropológicas, históricas e sociais”.

Sendo assim, ao considerar as narrativas do povo Wassu-Cocal como um gênero textual significativo dentro do contexto de ensino de Língua Portuguesa no âmbito da educação escolar indígena, buscamos entender como elas podem contribuir para a manutenção e valorização da identidade étnica desse povo e com um processo de ensino-aprendizagem idiomática que permita aos alunos se relacionarem com o mundo ao seu redor.

2 A etnia Wassu-Cocal e suas narrativas: a manutenção da identidade de um povo

O povo Wassu-Cocal vive na zona da mata de Alagoas, na altura do município de Joaquim Gomes, principal via de ligação entre Maceió e Recife, tendo sua terra indígena banhada pelo rio Camaragibe e cortada pela BR-101, que se desdobra do estado do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul. O território Wassu-Cocal (do tupi, grande coqueiral) é composto por vários pequenos núcleos populacionais, que antes eram sedes de fazendas.

A etnia é muito conhecida pelos embates de protestos e acidentes/viradas de carreta que ocorrem no trecho da referida BR que corta seu território. Consideramos que a passagem dessa rodovia federal pelas terras Wassu-Cocal traz problemas de várias ordens para essa etnia, pois o território de um povo indígena não é apenas um espaço físico, mas também — e principalmente! — um espaço simbólico aberto para tradições ancestrais, práticas culturais e fortalecimento de sua identidade indígena. Dos vários problemas postos pelo trânsito da BR-101, destacamos um voltado à identidade da etnia indígena Wassu-Cocal. Em Alagoas, falar do povo do Cocal é falar de acidentes e incidentes ocorridos no trecho de Joaquim Gomes, estando, então, a identidade do povo Wassu intrinsecamente ligada à proibição da duplicação da rodovia, aos acidentes de veículos de passeio, viradas e saques de carretas ocorridos no referido trecho.

Pode-se afirmar que, no imaginário coletivo da sociedade alagoana, o território e a identidade do povo Wassu-Cocal são constituídos por saques, mortes, acidentes e egoísmos. Com o objetivo de afrontar esse imaginário, vamos apresentar algumas

narrativas que, prenhes de sentidos sobre o território e a identidade dessa etnia, circulam no cotidiano desse povo. Há entre os Wassu-Cocais uma prática de os mais velhos narrarem aos mais novos acontecimentos, casos e histórias interessantes a partir dos lugares sagrados presentes nessa terra indígena intercortada pelos impactos da passagem da BR-101.

Apresentaremos, neste trabalho, algumas das narrativas desse povo que foram retextualizadas por alunas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal), no âmbito do projeto *Meus anciões contavam* (Silva *et al.*, 2022, no prelo). Das narrativas registradas pelo projeto, destacamos três para nossa análise. O principal critério para escolha foi a narrativa fazer alusão a espaços e/ou acontecimentos considerados sagrados para a cultura Wassu-Cocal. Seguem, então, as narrativas por nós selecionadas:

Narrativa 1: **A Pedra da Torre**

Contam os mais velhos que na pedra da torre todo mês de dezembro abre-se uma janela à meia-noite de onde sai uma nuvem de nove pássaros brancos que voam da pedra da torre para a serra da Mariquita e que além desses pássaros na meia-noite de Natal saía à mesma hora uma carruagem branca encantada de dentro da mesma, essa carruagem se dirigia à serra da janela e era escoltada por vários cavalos e guiada por dois velhinhos e que transportava um tesouro que era levado de uma serra para outra todo ano.

Dizem que sempre nessa hora se escutavam muitas risadas e sons de instrumentos musicais como zabumba, triângulo e pife.

Narrativa 2: **A Pedra Sagrada**

É contado pelos mais velhos que o símbolo da Aldeia Wassu-Cocal (A Pedra Sagrada) é um ponto religioso e que, na mesma, também existe uma janela, onde

costumava aparecer duas moças sempre vestidas de branco e que isso até hoje é um mistério!

É dito pelos mais velhos que, há muitos e muitos anos, esse símbolo também servia de cemitério e que só poderiam ser sepultados ali crianças e moças virgens.

É que a Pedra Sagrada é um símbolo de respeito, pois nela existem mistérios valiosíssimos que fazem parte da história do povo Wassu e que trazem consigo proteção e força.

Narrativa 3: **As luzes da Pedra da Torre e Serra da Janela**

Conta um morador antigo da aldeia Wassu-Cocal (Antônio Roque) que certo dia em que foi trabalhar no pé da serra, onde fica localizada a Pedra Sagrada da aldeia, junto com seu compadre (Pedro Honório), às 12h em ponto, seu compadre avistou algo diferente no alto da pedra e chamou rapidamente Seu Antônio Roque, e lhe mostrou o que havia encontrado.

Era algo com uma beleza inexplicável, algo nunca visto por eles. Era uma luz que parecia uma estrela brilhando e refletindo em direção à serra da janela, onde brilhava outra luz da mesma forma e com a mesma intensidade, refletindo para a Pedra da Torre.

As luzes brilhavam de uma serra para outra e foi uma coisa muito rápida, mas Seu Antônio Roque afirma que foi a coisa mais linda que ele havia presenciado e nunca mais irá esquecer aquele momento.

A curta extensão das histórias contadas, a relação com o sagrado, a presença da natureza em suas manifestações sólidas, líquidas e gasosas, bem como a existência de algum ancião/anciã notável da aldeia são características constantes das narrativas existentes na cultura Wassu. Enquanto indígena integrante do povo Wassu-Cocal, ouvir/contar essas narrativas vai além da atividade mecânica de reprodução de uma história pertencente a um determinado gênero textual, configurando-se como uma prática

cultural na qual cada indivíduo se identifica e se constitui como sujeito pertencente a esse povo.

Esse movimento faz-nos recorrer ao conceito de ideologia, uma das categorias teóricas fundamentais da Análise do Discurso, tendo em vista que, nessa perspectiva, os indivíduos são transformados em sujeitos ao serem interpelados por um conjunto de ideias, valores, sentimentos e/ou interesses com o qual se identificam (Pêcheux; Fuchs, 2014). Ou seja, ouvir/contar essas narrativas acerca de sua origem, cultura e identidade tem como função ideológica produzir na memória de cada indivíduo Wassu um sentimento de identificação e pertença a essa etnia, independentemente, como lembra Lukács (2013), se esse conjunto de sentimentos, crenças, valores, conhecimentos com os quais se identifica é gnosiologicamente verdadeiro ou falso.

Assim, entendendo o discurso como a inscrição histórica da língua e do sujeito na cultura e no social, as práticas de contar e ouvir essas narrativas colocam em movimento um processo discursivo de subjetivação e produção dos sentidos no campo discursivo que vai além do ato enunciativo de narrar:

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação de construção da realidade, etc. (Orlandi, 2007, p. 21).

Voltaremos ainda a essa questão dos processos de constituição dos sujeitos e dos sentidos na próxima sessão deste trabalho. Contudo, para além dessa discussão, ao nos aproximarmos dessas narrativas, frequentemente ouvidas cotidiano na aldeia Wassu-Cocal, ficamos problematizando se elas seriam *Lendas* ou *Contos*.

Na tentativa de melhor entender nosso objeto de estudo (as narrativas Wassu-Cocal), consultamos em alguns dicionários os verbetes “lenda” e “conto” para perceber que classificação de gênero textual se adequaria melhor a elas. Esse movimento em direção aos elementos linguísticos dicionarizados, longe de constituir um afastamento da Análise do Discurso enquanto arcabouço teórico-metodológico, mostra-se coerente com o

entendimento de Pêcheux (2014) acerca da AD como um método de leitura/interpretação que não descarta a análise linguística e atua exatamente no aspecto que considera insuficientemente tratado por ela: a conexão entre a língua e a história como práticas sociais de sujeitos atravessados pela ideologia e pelo inconsciente.

Orlandi (2007, p. 69), ao analisar a relação entre textualidade e discursividade, destaca: “[...] como a materialidade conta, certamente um texto escrito e um oral significam de modo específico particular a suas propriedades materiais”. Neste sentido, entendemos que o gênero a partir do qual um texto se materializa também não pode ser desconsiderado quando da análise dos processos de significação, pois embora estes não se reduzam à textualidade, ao linguístico, também não podem ignorá-lo como uma de suas materialidades constitutivas.

Nesse movimento de aproximação em relação ao nosso objeto de estudo, foi interessante observar que, além da definição sobre que gênero iríamos trabalhar, também notamos alguns tipos dicionarizados/escolarizados de herói, personagem célebre, pessoas e acontecimentos lendários na nossa história nacional. Seguem, então, as definições dos verbetes consultados por nós em alguns dicionários.

Iniciemos com a definição de “conto” apresentada pelo *Dicionário de Língua Portuguesa* de Evanildo Bechara: “[...] sm. 1 Lit. Gênero literário da prosa ficcional de pouca extensão, geralmente menor do que a novela e muito menor do que o romance; história curta. 2 História falsa, propositalmente enganadora; mentira” (Conto, 2011a, p. 448).

Agora, a definição de conto apresentada pelo *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa*, organizado por Paulo Geiger:

[...] sm. 1 Lit. Narrativa falada ou escrita, breve e concisa, menor que o romance, geralmente de uma única ação, com pequeno número de personagens em torno de um único ou poucos incidentes 2 Relato falso e enganoso; mentira que se conta a alguém; embuste, engodo (Conto, 2011b, p. 391).

Por fim, a definição desse verbete apresentada no *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* de Domingos Paschoal Cegalla:

[...] s.m 1 narrativa escrita ou oral: A classe leu um conto de Machado de Assis. 2 engodo; trapaça: Nunca mais cairei nesse conto. 3 um milhar de mil réis; um milhão de réis: Naquela época, vendeu um cavalo por dois contos de réis. Conto da carochinha: conto popular para crianças (Conto, 2008, p.236).

Sigamos agora à apresentação das definições de “lenda” apresentadas nos mesmos dicionários que pesquisamos o verbete “conto”. Iniciemos, pois, pela definição apresentada pelo *Dicionário de Língua Portuguesa* de Evanildo Bechara:

[...] sf. 1 Narrativa da vida de uma figura histórica (santo, guerreiro, etc.) que é modificada ao longo de gerações, passando a adquirir contornos fantásticos ou inverossímeis; legenda. 2 Figurado: Personagem célebre, lendário. 3 Figurado: Mentira (Lenda, 2011a, p. 777).

Trazemos ainda a definição de lenda apresentada pelo *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa*, organizado por Paulo Geiger:

sf. 1 História fantasiosa acerca de personagens exemplares ou seres sobrenaturais e que faz parte da tradição de um povo (lenda do saci-pererê) 2 Narrativa de ações praticadas por santos ou heróis em que os fatos históricos adquirem feição fantástica devido a interpretações guiadas pela livre imaginação popular; Legenda 3 Figurado por extensão - história fantasiosa acerca de pessoa famosa, criada pela imaginação popular ou pela especulação da mídia: conta a lenda que Renato Russo odiava cantar em público. 4 Por extensão, Tradição popular 5 Personagem lendário: Garrincha é uma lenda do futebol. 6 Figurado: Engodo, lorota, mentira 7 Figurado: Narrativa monótona e fastidiosa; Ladinha; Lenga-lenga (Lenda, 2011b, 848).

Por fim, mas não menos importante aos interesses deste estudo, a definição desse verbete apresentada no *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* de Domingos Paschoal Cegalla:

[...] s.m 1 narrativa de caráter maravilhoso em que fatos ligados a heróis populares são deformados pela imaginação popular ou pela invenção poética. 2 história de tradição popular cuja autenticidade não é provada: Diz-se a lenda que o saci faz trancinhas na crina do cavalo. 3 mito popular: Aquele político tornou-se uma lenda. 4 fraude; engodo; mentira: As obras que o prefeito diz ter realizado são pura lenda (Lenda, 2008, p. 535).

Observando as definições apresentadas nos verbetes, analisando os elementos presentes nas narrativas por nós escolhidas para a construção deste trabalho, fomos nos aproximando da ideia de lenda e nos distanciando da de conto. Para além da definição

dos gêneros textuais em tela, as explicações postas pelos dicionários nos chamaram a atenção para o fato daquilo ou de quais elementos são considerados ou apresentados como lendários, célebres, heróis, etc. do povo brasileiro.

Quando se busca exemplificar a ideia de *guerreiro* ou *lendário*, recorre-se com frequência a personagens do futebol, a cantores famosos e a outras figuras da cultura popular. Esse movimento revela o quanto parte do conhecimento historicamente escolarizado — como aquele presente nos dicionários disponíveis nas bibliotecas das escolas — nos afasta dos heróis e personagens lendários ancestrais, que lutaram e ainda lutam na figura daqueles que hoje resistem ao projeto de colonização ainda em curso. Essa resistência se dá pela sobrevivência de nossos povos originários, pela preservação de suas culturas, cosmologias, narrativas e territórios, enfim, pela afirmação de nossas verdadeiras raízes nacionais.

Esse distanciamento produz um efeito de sentido no nosso imaginário coletivo, sedimentando a ideia de que o Brasil é o país do futebol, do rock, do samba, entre outros, e de que nossas figuras lendárias são os jogadores e os artistas que recebem milhões por sua arte. Não estamos nos opondo à música ou ao futebol, mas sim problematizando o discurso posto pelo dicionário que contribui com a construção de uma memória discursiva — entendida aqui, juntamente com Pêcheux (2015, p. 44), “[...] não no sentido diretamente psicologista da memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”, que silencia as verdadeiras raízes culturais do Brasil por meio do apagamento da mitologia, cosmologia e costumes ancestrais de nossos povos originários. Nesse quesito, é importante considerar a reflexão feita por Orlandi (2008, p. 55) sobre discurso, civilização e cultura:

Nosso objetivo não é falar da “constituição da identidade, mas antes do imaginário que se constrói para a significação do brasileiro. Qual é a concepção de brasileiro [...] e como a concepção de brasileiro vai trabalhando tanto a exclusão como a fixação de certos sentidos, efeitos de sentido que produzem um imaginário que coloca no brasileiro uma marca de nascença que funcionará ao longo de toda a sua história: o discurso colonialista. [...] um discurso que funciona para que seja uma marca a-histórica e de essência (Orlandi, 2008, p.55)

É importante destacar também, conforme posto por Santos (2024, p. 8), a partir da leitura de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, que “[...] a criatividade, a inteligência e a emancipação de um povo passam por suas práticas linguísticas”. No Brasil, de forma geral, existem muitas comunidades indígenas com um vasto número de narrativas ricas em cultura e tradição que precisam ser postas em evidência para a criação de um outro imaginário coletivo sobre o Brasil, o brasileiro e os elementos que constituem a nossa brasilidade. Na aldeia Wassu-Cocal não é diferente. Há uma diversidade de lendas contadas por seus anciãos que, mesmo alguns já não estando mais entre nós, deixaram, por meio da tradição oral, um legado importante no que diz respeito à cultura Wassu.

Para o povo Wassu-Cocal, essas narrativas não se reduzem às suas características linguísticas do gênero textual *lenda* que, conforme posto pelos dicionários citados, apresentam fatos imaginários, histórias fantasiosas, heróis, podendo ser uma história de tradição popular cuja autenticidade não é provada. No contexto ao qual nos referimos, as histórias contadas encontram seu fundamento na ancestralidade dos acontecimentos, no sentimento de pertencimento cultural e étnico que emana dos espaços sagrados atualizados e ressignificados na memória discursiva ativada por essas narrativas. Aqui, referimo-nos à memória discursiva que, conforme posto por Pêcheux (2015, p. 44), produz seus efeitos: “[...] nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”.

3 Na contramão dos sentidos da BR-101: analisando o discurso das lendas do povo Wassu-Cocal

Na tentativa de nos aproximarmos ainda mais de nosso objeto, buscaremos, nesta seção, realizar uma análise discursiva das três narrativas do povo Wassu-Cocal aqui apresentadas. Pensando, a partir de Orlandi (2008), em um novo discurso do confronto ou em uma atualização particular desse discurso, podemos afirmar que essas narrativas, de

forma geral, produzem um efeito de sentido de que a verdadeira identidade da etnia Wassu-Cocal não está na BR-101 que transpassa o seu território, mas sim nos lugares sagrados dessa terra indígena.

As lendas que tratam das serras, espaços sagrados de identificação e produção de sentidos, para o povo Wassu-Cocal, realizam um movimento de paráfrase, entendido pela AD como a instauração de um processo parafrástico, em torno da Pedra Sagrada e da Serra da Janela. Antes de prosseguir com a análise, apresentemos o que nós entendemos por paráfrase/processo parafrástico:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização (Orlandi, 2007, p. 36).

Conforme posto por Pêcheux e Fuchs (2014, p. 166-167): “[...] a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre as sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a ‘matriz do sentido’”. Dessa forma, entendemos com Santos (2020, p. 139) que a matriz de sentido é o que permanece, que se mantém “[...] ou melhor, o sentido que se estabiliza entre enunciados ou sequências discursivas que estabelecem uma relação de paráfrase no interior de uma determinada formação discursiva”.

Das narrativas em tela, a saber, A Pedra da Torre, A Pedra Sagrada e a Serra da Janela, destacamos respectivamente as seguintes sequências discursivas (SD):

SD1: *[...] essa carruagem se dirigia à Serra da Janela e era escoltada por vários cavalos e guiada por dois velhinhos e que transportava um tesouro que era levado de uma serra para outra todo ano.*

SD2: *É que a Pedra Sagrada é um símbolo de respeito, pois nela existem mistérios valiosíssimos que fazem parte da história do povo Wassu e que trazem consigo proteção e força.*

SD3: *Era algo com uma beleza inexplicável, algo nunca visto por eles. Era uma luz que parecia uma estrela brilhando e refletindo em direção à Serra da Janela, onde brilhava outra luz da mesma forma e com a mesma intensidade, refletindo para a Pedra da Torre.*

Entendendo com Orlandi (2007, p. 177) que a paráfrase aponta para “[...] estabilidade do sentido, da permanência de seu conteúdo”, o dito, posto pelas sequências discursivas em destaque, estabelece o sentido de que a riqueza, a proteção e a luz, que deve guiar o povo Wassu-Cocal, não estão no trânsito da BR-101 ou nos faróis de seus automóveis e carretas, mas sim na ancestralidade de seus locais sagrados.

Diante de um discurso que reduz o indígena Wassu aos acontecimentos inerentes ao trecho dessa rodovia que corta o município de Joaquim Gomes-AL, essas narrativas produzem um efeito de confronto que nos aponta para o dado de que a constituição do sujeito indígena Wassu-Cocal não se dá no espaço da BR-101 com acidentes, viradas e saques, mas sim nos espaços sagrados do território desta etnia. É importante observar que nenhuma das narrativas trazem qualquer episódio ligado à BR-101. Nenhuma das narrativas, não apenas as que nós apresentamos nesta pesquisa, mas todas as outras também, apontam para os espaços sagrados existentes no interior do território Wassu-Cocal.

Se fizermos uma enquete nesta comunidade indígena, indagando sobre o que para cada um/uma significa ser um Wassu-Cocal, teríamos respostas diversas e/ou até mesmo indivíduos que não saberiam responder. Contudo, se perguntássemos sobre um símbolo que representa o povo Wassu-Cocal, uma resposta seria unânime: a Pedra Sagrada ou a Pedra da Torre, que são duas denominações distintas que designam o mesmo espaço.

É olhando para Pedra da Torre e sentindo a proteção e segredos saídos de sua janela que emana o sentimento de pertencimento e identificação dessa etnia. Aos pés da jaqueira, dançando Toré e protegidos pela Pedra Sagrada, os indivíduos constituem-se sujeitos indígenas da etnia Wassu-Cocal, encontrando sua verdadeira identidade e se conectando com sua ancestralidade. Conforme já apontamos na seção anterior, neste quesito, poderíamos fazer uma analogia entre a Pedra Sagrada e o conceito da ideologia na AD que, como postulado por Pêcheux (2014, p. 145, grifos do autor), realiza “[...] o processo da interpelação-identificação que *produz* o sujeito”.

As narrativas do Povo Wassu-Cocal, tomadas teórico-analiticamente pelo viés da AD, revelam um funcionamento da linguagem que está para além da transmissão mecânica de informações. Temos, nessas narrativas, a evocação de acontecimentos e de espaços sagrados que colocam em movimento os indivíduos, a história, a cultura e toda sua dimensão material e simbólica, constituindo, assim, sujeitos do Povo Wassu-Cocal e produzindo sentidos para e sobre esse povo. Nesse ponto, como já sinalizado neste trabalho, é importante destacar, conforme posto por Orlandi (1996, p. 36-37), que a análise do discurso:

[...] trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O que me permite dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído (Orlandi, 1996, p.36-37).

Sendo assim, consideramos as narrativas do povo Wassu-Cocal em seu aspecto não apenas linguístico, mas também histórico e, por isso, entendemos que tais narrativas são fundamentais para a manutenção e promoção da cultura de nosso povo. Na atividade linguística de narrar/ouvir histórias, transmite-se, de geração em geração, valores, crenças e conhecimentos passados entre gerações e que têm um papel muito importante na vida cotidiana da comunidade Wassu, pois ajuda a atualizar/manter/promover a memória coletiva, tradições e histórias dessa comunidade.

Tais narrativas também possuem uma função educativa, ensinando lições morais e éticas através de temas diversos como coragem, amor, força, justiça, amizade e respeito, bem como ensinamentos sobre a relação entre o ser humano, a natureza e o mundo espiritual, transmitindo, assim, conhecimentos sobre ervas medicinais, técnicas de caça, a pesca, e a agricultura, bem como os valores éticos e morais.

A partilha das histórias narradas na comunidade é uma das formas de fortalecer os laços e o convívio cultural, pois são contadas em rodas de conversas, na sala de aula, quando os mais velhos são convidados para dialogar com os alunos indígenas mais jovens, etc.

O ato de narrar, por si só, constitui uma forma de resistência cultural e histórica que fortalece a identidade do povo Wassu-Cocal e sua espiritualidade diante das constantes investidas do processo de colonização, o qual busca silenciar e apagar os sedimentos de uma cultura que, resistindo, permanece viva e pulsante. Essas narrativas são mais do que simples histórias: representam veículos de sabedoria, força, conexão com a terra e resistência cultural. Por isso, compreendemos que devem integrar o processo formal da educação escolar indígena, funcionando como instrumento de sedimentação, manutenção e promoção da verdadeira identidade Wassu-Cocal — entendida não como uma essência imutável, mas como um núcleo cultural comum que conecta os indivíduos dessa etnia e os coloca em confronto com o imaginário externo que ainda os rotula como saqueadores de cargas de veículos tombados em seu território.

4 Os textos, seus gêneros, a cultura e o ensino: caminhos para sedimentação, manutenção e promoção da identidade Wassu-Cocal

A compreensão dos gêneros textuais é de fundamental importância para o desenvolvimento de habilidades para que as comunicações se tornem eficazes. Dentro do contexto educacional, Luiz Antônio Marcuschi, referência fundamental nessa área, ilumina um possível caminho teórico para uma abordagem mais integrada e funcional do ensino da Língua Portuguesa (LP) no Brasil. Em seu livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, Marcuschi (2008) não somente define o que são gêneros textuais, mas também explora a sua relevância dentro de um processo de ensino/aprendizagem de LP que seja necessariamente contextualizado social e historicamente.

Os gêneros textuais são entidades sociodiscursivas que guiam a interação comunicativa em diferentes esferas da vida social. Eles são moldados por convenções culturais e históricas, refletindo as necessidades e as práticas de comunicação de uma sociedade. No contexto cultural de nosso povo, as lendas influenciam, em alguma medida, a vida de nossa comunidade indígena, trazendo um contexto histórico, uma

espiritualidade, uma forma de se estabelecer relações com o sagrado, com a natureza e com os outros.

A resignificação das lendas é um campo muito produtivo para a compreensão das dinâmicas culturais e identitárias. Enfatizamos, aqui, que as lendas no território Wassu-Cocal são influenciadas pelas tradições, crenças e práticas culturais desse povo, refletindo sua visão de mundo, seus valores e seus costumes. Essas narrativas, como um elemento cultural, não são estáticas, ou seja, elas mudam com o passar do tempo. À medida que a comunidade indígena enfrenta mudanças sociais, políticas e ambientais, as lendas narradas se adaptam, mas nunca perdem a essência da cultura e a ancestralidade guardada e transmitida pelos mais velhos.

No contexto da educação escolar indígena da etnia Wassu-Cocal, ao se trabalhar com tais narrativas, no ensino de LP, por exemplo, pode-se garantir que essas lendas cheguem aos ouvidos dos mais jovens, contribuindo não apenas com um ensino de LP que respeite a realidade social, cultural e econômica do aluno, mas também com a sedimentação, manutenção e promoção da identidade Wassu-Cocal.

Ao integrar, a partir das especificidades de seus gêneros textuais, essas narrativas ao ensino de LP, está se assumindo uma concepção de ensino que vai além dos formalismos gramaticais, e avançando para a promoção de uma competência comunicativa que potencializa os alunos para participarem ativamente nas diversas esferas da comunicação que, conforme posto por Valentin Volóchinov, materializam-se no campo dos signos que entremeiam a atividade humana, tendo, pois, “cada campo [...] sua função específica na unidade da vida social” (Volóchinov, 2018, p. 94).

Sendo assim, consideramos juntamente com Santos (2024, p.14) que os enunciados linguísticos “[...] não têm sua significação fechados em si mesmos, mas sim em sua abertura para história, para ideologia, enfim, para as condições de produção e reprodução da vida social dos humanos, enquanto produtores e mantenedores desses enunciados.” Dessa forma, conforme posto por Marcuschi (2008), os gêneros não devem ser vistos como meras estruturas formais, mas como práticas vivas de linguagem que

permitem, no caso do contexto escolar, os alunos engajarem-se de maneira crítica e criativa com o mundo ao seu redor. Destacamos ainda com Marcuschi (2008, p.149):

[...] a análise de gêneros engloba uma análise de texto e do discurso e uma descrição da língua e visão de sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. [...] Nesse sentido, há muito a discutir e tentar distinguir as ideias de que gênero é: uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social, uma ação retórica (Marcuschi, 2008, p.149).

Pensamos que essa provocação de Marcuschi (2008) é importante para os desdobramentos do que estamos propondo em relação ao uso das narrativas em tela na sala de aula, isto é, como um gênero cuja função ou operacionalidade está para além do compartilhamento de histórias e personagens, constituindo-se em uma categoria cultural, uma forma de ação social.

Considerar esses elementos, no processo de ensino-aprendizagem de LP na realidade escolar indígena, envolve um trabalho contínuo entre a manutenção da oralidade, da leitura, da escrita e da análise linguística, contextualizada histórica, social e culturalmente. Dessa forma, os alunos não vão aprender somente a identificar as características distintivas de diferentes gêneros, a adaptar sua linguagem para atender às demandas de cada situação comunicativa, mas também vão participar de um letramento cultural que vai tensionar o hoje das crianças e dos jovens estudantes indígenas, rememorando o passado e dando continuidade à identidade cultural da comunidade para o futuro.

A partir de Marcuschi (2008), retomamos a ideia central de que os gêneros textuais são ferramentas poderosas para a participação efetiva da vida em sociedade. Ao abraçar essa perspectiva, educadores e alunos podem transcender a visão tradicional formalista do ensino de LP como um conjunto de regras a serem memorizadas, assumindo o processo de ensino-aprendizagem desse componente curricular como uma prática social dinâmica e transformadora.

Essa mudança de óptica ou de perspectiva exige de nós a percepção de que os gêneros textuais não são meras abstrações teóricas formais, mas sim mecanismos pelos quais a sociedade regula e organiza a comunicação, o comportamento linguístico dos indivíduos, a reprodução de imaginários coletivos.

No processo formal de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa que ocorre no ambiente escolar, é possível observar que os gêneros textuais — ou, ao menos, a forma como são abordados — são frequentemente tratados sob uma perspectiva estruturalista, o que molda as expectativas de resposta em função dos sentidos produzidos pelo texto em relação ao aluno-leitor, à escrita, à fala e a outros aspectos do uso da linguagem.

Nesse contexto, problematizamos também que os gêneros textuais trabalhados no contexto da educação escolar indígena, bem como suas possíveis abordagens, precisam abrir espaços para a criatividade e para a construção da identidade de sujeitos pertencentes aos povos originários brasileiros, colaborando para a construção de um imaginário coletivo desses povos diferente daqueles impostos pelo processo de colonização. Da mesma forma, o tipo de comportamento linguístico/social apresentado como socialmente aceito/rentável, no contexto da educação escolar indígena, deve respeitar as idiossincrasias do território indígena em questão.

5 Considerações finais

No decorrer desta pesquisa, buscamos entender, no contexto cultural do povo Wassu-Cocal, como as narrativas contadas pelos anciãos têm um papel fundamental na manutenção, sedimentação e promoção da identidade cultural desta etnia. Essas narrativas, que transitam entre o sagrado e o cotidiano, não apenas fortalecem o vínculo dos indígenas Wassu com seus espaços sagrados e ancestrais, como também se configuram como formas de resistência diante da imposição de um discurso externo que tenta reduzi-los à sua relação com a rodovia BR-101 a partir de um estereótipo ligado a acidentes, viradas e saques a carretas.

Ao contrário dos sentidos postos em movimento por essa representação da identidade Wassu limitada aos incidentes e acidentes da rodovia BR-101, as narrativas aqui analisadas enfatizam que a verdadeira identidade do povo está profundamente enraizada nos espaços sagrados e nas práticas culturais, como o Toré, e não nos eventos negativos associados à rodovia.

Para os Wassu-Cocais, símbolos como a Pedra da Torre e a Jaqueira Sagrada são mais do que marcos físicos, eles são elementos carregados de significado espiritual e identitário, sendo, então, locais que representam a essência de seu pertencimento e sua conexão com os ancestrais. A análise proposta, portanto, evidenciou como essas narrativas, ao falarem dos lugares sagrados e das tradições, reafirmam a resistência cultural dessa etnia e contestam a visão externa e reducionista sobre sua identidade.

Ao resgatar acontecimentos do passado, essas narrativas transmitem saberes ancestrais, refletindo valores, práticas culturais e espirituais que são centrais para a manutenção da identidade indígena.

As lendas, trabalhadas nesta pesquisa, sedimentam um efeito de sentido de que a história, a identidade e a riqueza do povo Wassu-Cocal se encontram nos espaços sagrados do interior de seu território e não na BR-101 que intercruza e viola esse território. Dessa forma, entendemos de forma contextualizada a expressão *o futuro é ancestral* que circula, em nossos dias, em variadas frentes quando se referem de forma geral aos povos originários.

Talvez esse seja o resultado mais importante deste estudo: a defesa de que o futuro do povo Wassu-Cocal, assim como das demais etnias indígenas ou não, é ancestral. No caso do povo Wassu, é preciso voltar-se simbolicamente aos lugares sagrados, ancestrais de seu território e entender que seu futuro está na riqueza material e espiritual de seu território e não no aparente progresso ou civilização materializados no asfalto da BR-101 e pelos veículos que nela transitam.

A riqueza não está só nas atividades econômicas ligadas a essa rodovia: seja a venda da jaca, do milho, a virada da carreta ou mesmo a possibilidade de, seguindo a BR,

deslocar-se do território Wassu. A riqueza está, principalmente, em seu território, em sua fertilidade material e simbólica.

Outro resultado importante desta pesquisa é que uma das formas de manter e promover a identidade Wassu-Cocal, frente ao imaginário coletivo de que a identidade desse povo está na BR-101, é integrar as diversas narrativas ao processo de ensino/aprendizagem de LP no contexto da educação escolar indígena existente nesse território. Pois, ao serem integradas ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa nas escolas indígenas do território Wassu-Cocal, essas narrativas tornam-se uma ferramenta poderosa para o letramento cultural. Esse letramento não só aprimora a competência comunicativa dos alunos, mas também assegura que a linguagem e as práticas educacionais se mantenham contextualizadas, respeitando as tradições e fortalecendo a identidade da etnia em discussão.

Assim, as narrativas e o ensino dos gêneros textuais, longe de serem elementos isolados, contribuem para a formação ideológica, no sentido aqui trabalhado, de sujeitos críticos e conscientes de sua herança cultural e das dinâmicas sociais em que estão inseridos dentro da comunidade.

Referências

CONTO. In: BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011a.

CONTO. In: CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CONTO. In: GEIGER, Paulo (Org.). **Novíssimo Aulete**: dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011b.

LEND. In: BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011a.

LEND. In: GEIGER, Paulo (Org.). **Novíssimo Aulete**: dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011b.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso: fato, dado, exterioridade *In.*: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípio e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. **Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. Campinas: Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. *In.*: ACHARD, P. *et al.* **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SANTOS, Lavoisier Almeida de. **O antigo discurso do Novo Ensino Médio na tela: memória e silenciamento**. 2020. 181 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura: Maceió, 2020.

SANTOS, Lavoisier Almeida dos. “Mataram o menino”: sintaxe e discursividade no ensino de Língua Portuguesa no Brasil. **Veredas**, Revista de Estudos Linguísticos, v. 28, n.1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/43487>. Acesso: 09 jan. 2025.

SILVA, Aricleia Rosa da *et al.*; **Meus anciões contavam**. Curso de Licenciatura intercultural indígena em Pedagogia: Clind – Uneal, 2022, no prelo.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

ⁱ Lavoisier Almeida dos Santos, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5132-7343>

Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

Doutor em Letras e Linguística. Professor bolsista do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Letras e de Pedagogia em Educação Escolar Quilombola da UNEAL. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas: História e Discurso – GPPHeD da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Contribuição de autoria: projeto de pesquisa, escrita e supervisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2157875252712626>
E-mail: lavoisierdealmeida@hotmail.com

ii **Elizabete Gercina da Silva Martins**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8184-2184>

Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

Graduada no Curso de Licenciatura Intercultural indígena em Língua Portuguesa e suas literaturas, pela UNEAL. Agente administrativo educacional na Escola Estadual Indígena Marlene Marques.

Contribuição de autoria: coleta de dados e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8674528814528800>.

E-mail: elizabete.martins@alunos.uneal.edu.br

iii **Valci Melo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3037-142X>

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Doutor e Mestre em Educação. Licenciado em Pedagogia e em Ciências Sociais. Docente do Centro de Educação (CEDU) da UFAL. Líder do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas: História e Discurso – GPPHeD da UFAL.

Contribuição de autoria: escrita, edição e revisão final.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1658899224874430>.

E-mail: valci.melo@cedu.ufal.br

Editores responsáveis: Genifer Andrade.

Especialista *ad hoc*: Aline Andréia Nicolli e Helder Thiago Maia.

Como citar este artigo (ABNT):

SANTOS, Lavoisier Almeida dos; MARTINS, Elizabete Gercina da Silva; MELO, Valci. As narrativas Wassu-Cocal: a identidade de uma etnia na contramão dos sentidos da BR-101.

Rev. Pemo, Fortaleza, v. 8, e15927 2026. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/15927>

Recebido em 14 de julho de 2025.
Aceito em 22 de setembro de 2025.
Publicado em 03 de janeiro de 2026.